

A construção da vida para além das Violências: Musicoterapia com crianças em situação de Abrigagem

Jakeline Silvestre¹

Laize Guazina²

RESUMO

O presente trabalho aborda algumas das possibilidades e singularidades do processo musicoterápico com crianças em situação de abrigagem a partir de uma experiência de estágio da graduação em Musicoterapia, este estudo foi realizado em uma instituição situada na região da grande Curitiba. Embasando-se em perspectivas de Musicoterapia construídas à luz do referencial teórico da filosofia contemporânea proposta por Gilles Deleuze e Félix Guattari, o estudo busca analisar aspectos da experiência de atendimento a partir de uma análise de cunho social.

PALAVRAS-CHAVE: Abrigagem; Musicoterapia Social.

ABSTRACT

This paper discusses some of the possibilities and peculiarities of the music therapy process with children living in shelters based on the experience of a Music Therapy Internship Program held in an institution located in the Metropolitan area of Curitiba. The study is based on the prospect of Music Therapy constructed in light of the theoretical framework of the contemporary philosophy proposed by Gilles Deleuze and Felix Guattari and aims to analyze aspects of the clinical practice from a social nature viewpoint.

KEYWORDS: Shelters; Social Music Therapy.

¹ Graduada em Musicoterapia pela Faculdade de Artes do Paraná (2010). Contato: jakefascina@hotmail.com

² Musicoterapeuta, Mestre em Psicologia Social e Institucional (UFRGS), doutoranda em Música (UFRJ) e professora do Curso de Musicoterapia da Faculdade de Artes do Paraná.

Este trabalho busca analisar algumas das possibilidades da Musicoterapia com crianças em situação de abrigamento, a partir da experiência de estágio de quarto ano do curso de Musicoterapia da Faculdade de Artes do Paraná, realizado em 2009. O estágio de atendimento em Musicoterapia foi realizado em um abrigo filantrópico para crianças e jovens localizado na região metropolitana de Curitiba – PR e serviu de base para o desenvolvimento de um estudo monográfico³.

A instituição atende crianças em situação de vulnerabilidade social desde 1989 e se caracteriza por ser uma instituição privada que trabalha em parceria com instituições públicas. Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), citado pelo Conselho Estadual da Criança e do Adolescente (CECA, s/d), “o abrigo é um espaço de proteção, provisório e excepcional, destinado às crianças e adolescentes privados da convivência familiar e que se encontram em situação de risco pessoal e social”.

No caso da instituição onde o estágio foi desenvolvido, a modalidade de acolhimento oferecida às crianças e jovens é conhecida como ‘acolhimento institucional’. Neste formato acolhem-se crianças que não tem conflito com a lei, ou seja, é uma modalidade de instituição que não oferece medidas sócio-educativas. O ‘acolhimento institucional’ compõe todo o espaço de funcionamento da abrigamento, bem como os aspectos e características das medidas de abrigamento previstas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Dentro da medida de ‘acolhimento institucional’ existem algumas modalidades que são: casa-lar, casa de passagem, família acolhedora e república. Cada uma dessas medidas de acolhimento é especializada para a clientela que atende, no que se refere a faixa etária, necessidades especiais, sexo e necessidades de abrigamento de urgência.

O estágio de Musicoterapia foi desenvolvido na instituição, duas vezes por semana com dois grupos de crianças e um de adolescentes, buscando auxiliar a equipe de profissionais que já trabalhavam com as crianças e adolescentes. Foi delineado a partir de uma perspectiva de sujeito que é construído na trama social. Neste sentido, a Musicoterapia foi realizada a partir

³ Este estudo passou pela apreciação e aprovação de um Comitê de Ética em Pesquisa, protocolada sob nº 100/2009 - OF. CEP 048/09.

da idéia de que é possível construir possibilidades em direção a uma vida mais saudável junto aos sujeitos, partindo da problemática de vida trazida pelos mesmos, a partir de uma perspectiva social.

A expansão do campo de saber e profissional da Musicoterapia se dá com novas populações e lugares institucionais, não mais marcados pelas realidades sócio-econômicas e culturais das classes dominantes, no ambiente do consultório particular do musicoterapeuta, em relações construídas em instituições privadas. São populações e lugares que têm suas trajetórias traçadas nas redes sociais, nos projetos sociais, no Sistema Único de Saúde, nas camadas mais empobrecidas e tornadas subalternizadas da sociedade e que vivem, muitas vezes, entre diferentes violências (GUAZINA 2008, p.7).

A abordagem social em Musicoterapia, conforme Mendoza (2005) surge como uma nova e recente possibilidade de ação musicoterapêutica que se insere no âmbito da saúde pública. Segundo a autora, por esta óptica, interessam investigar os fatores sociais, econômicos, políticos, culturais - que são estruturantes da dinâmica psicossocial das pessoas – e suas repercussões sobre suas rotinas diárias. O musicoterapeuta se posiciona em interseção com os grupos e com os eventos da realidade por eles vivenciada, porém, conserva uma distância necessária para estabelecer os objetivos do trabalho conforme sua percepção e leitura.

Na literatura da Musicoterapia ainda são poucos os trabalhos que descrevem e se direcionam ao atendimento de crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social, sobretudo em situação de abrigagem. Alguns trabalhos próximos a essa temática podem ser encontrados em Barcellos (1998) e Piazzetta (2001).

Barcellos (1998) descreve um processo de atendimento com meninos em situação de rua⁴, onde a autora relata que a Musicoterapia pode auxiliar na expressão de opinião e de sentimentos, sobretudo através da composição, onde as crianças expressavam sua opinião de como foram tratadas pelas autoridades. Piazzetta (2001), em seu trabalho musicoterápico desenvolvido com crianças e pré-adolescentes em situação de risco descreve que, embora tivessem pouca idade, possuíam um histórico de vida marcado pelo abandono

⁴ Apesar da autora utilizar a expressão “meninos de rua” preferiu-se utilizar “em situação de rua” porque não expressa uma lógica de pertencimento e sim de situação.

e maus tratos. Receber carinho muitas vezes não era compreendido, pois de certa forma a 'bronca' era mais fácil de aceitar. Segundo a autora, percebeu-se nesta clientela uma aproximação das vivências rítmicas e repertório composto por canções da 'moda' e o *RAP*, bem como as improvisações musicais livres eram muito intensas com esta clientela. Ao se propor a experimentação dos instrumentos, a autora narra a dificuldade de escuta entre os participantes, uma vez que todos tocavam ao mesmo tempo. A mesma autora afirma que, por meio das práticas musicais em Musicoterapia, é possível oportunizar a esses sujeitos outras perspectivas de vida, para que eles possam utilizar a seu tempo, outras maneiras de se relacionarem consigo e com a sociedade.

Embora as crianças e adolescentes com os quais foi realizado o nosso estudo tenham acesso a uma instituição com boa estrutura, a vida no sistema de abrigamento traz conseqüências no que diz respeito à formação dessas crianças. Essas conseqüências estão relacionadas a um percurso social difícil que as levou à situação de abrigamento.

Esse percurso é comumente marcado por diferentes violências. Conforme Moura (2007), essas violências (no plural) são compreendidas como *continuuns* que abrangem diversas formas sendo elas: armadas, domésticas, sexuais, sociais, econômicas entre outras. Esses *continuuns* por sua vez, produzem conseqüências de diferentes naturezas, sendo, muitas vezes, simbólicas, físicas, psíquicas e sociais (como desnutrição, maus tratos ou negligência). É o que se costuma chamar de 'situação de risco':

A categoria "situação de risco" deve ser situada nesse caleidoscópio de informações e representações acerca da situação da infância e juventude no Brasil, país de inúmeras desigualdades sociais. Penso que a formulação da categoria, *a priori*, não estigmatiza nenhum grupo social específico. A carência material é apenas um dos fatores associados ao "risco". Como já afirmado, outros fatores como desagregação e/ou violência familiar, desemprego, o crime organizado, as drogas e o tráfico, a ausência de opções de lazer etc. são igualmente elencados com potenciais elementos de "risco" para as crianças e jovens (HIKIJ I 2006, p.84).

Por outro lado, o próprio processo de abrigamento acarreta conseqüências (Ferrari *et al*, 2008), aponta a dificuldades de criação e manutenção de laços afetivos (inclusive pela alta rotatividade de profissionais no atendimento às crianças) e dificuldades de estabelecer relações de confiança. Dell'Aglio,

Dalbosco, Hutz e Simon, (2004) trazem um estudo sobre a depressão em crianças institucionalizadas e como isso provoca uma tendência ao baixo rendimento escolar. Contudo, este também se torna um espaço de benefícios, no sentido de terem algumas de suas necessidades atendidas e de serem cuidadas. O ambiente físico onde vivem as crianças e adolescentes que se encontram em situação de abrigagem é um ambiente que tem como função principal a proteção, entretanto este ambiente constrói sentidos à vida dessas crianças, pois a organização da vida é compartilhada pelos sujeitos que compõem o espaço de abrigagem e, embora as crianças e jovens não tenham vínculos de sangue, podem construir laços que são de afeto e solidariedade e que, de certa forma, organiza a vida desses indivíduos.

Durante o estágio, que deu origem a esse estudo, percebeu-se a necessidade da construção de um espaço musicoterápico para o enfrentamento das consequências das violências sofridas pelas crianças, para que se tornasse possível desenvolver potenciais de saúde e novas possibilidades de criação e re-invenção vida. Neste sentido, conforme Guazina (2006) a Musicoterapia visa trabalhar com o potencial de saúde dos sujeitos com os quais interage. Isto não significa que suas dificuldades serão negadas, mas sim enfrentadas, servindo como possibilidades para superação das mesmas. Dessa maneira, a saúde é vista como possibilidade de construção e de enfrentamento das dificuldades da vida. De acordo com esta visão o sujeito pode ter uma doença e ainda ser saudável. O que define saúde não é a patologia, mas sim a forma como o sujeito constrói possibilidades de ação frente ao problema. Para isso, na Musicoterapia, os sujeitos utilizam a música em movimentos de construção, desconstrução e reconstrução de expressões.

A partir das contribuições de Deleuze e Guattari (1997), esses movimentos subjetivos permitem expressões da própria subjetividade, bem como a construção de novas subjetividades, dentro dos processos de construção da saúde. O homem é um animal expressivo e, portanto, territorial. Marca o território pela voz, pelo canto, através dos gestos, posturas, enunciações. A música arranca o ritornelo de sua territorialidade, é uma operação ativa, criadora (DELEUZE e GUATTARI, 1997 p.102 *apud* SIQUEIRA 2007, p.60).

Quando se entra no domínio da expressividade, entra-se numa zona de indiscernibilidade com a arte. Traçar novos territórios significa traçar novos modos de existência, criar novas maneiras de existir. Guattari propõe o termo “ritornelos existenciais” como à polifonia dos modos de subjetivação que correspondem a uma multiplicidade dos modos de “marcar o tempo” (GUATTARI, 1991, p.12 *apud* SIQUEIRA 2007 p.61).

O embasamento teórico trazido teve o intuito de refletir sobre a realidade que se mostrava nos atendimentos, e a maneira como os objetivos foram sendo trabalhados dentro de uma visão filosófica que amplia as possibilidades de análise musicoterápica. Dentre as estratégias de atendimento desenvolvidas com essa clientela, algumas tiveram grande ressonância, como o uso das brincadeiras cantadas, histórias cantadas e o uso de canções e, mais especificamente, dos RAPs. Percebeu-se que a brincadeira cantada foi um tipo de intervenção que abriu caminhos para manifestação da subjetividade dessas crianças, devido à faixa etária. De acordo com Sampaio (2005) o brincar acontece no tempo e as significações vão sendo geradas no desenrolar desse brincar. As próprias regras do relacionamento vão sendo construídas, desconstruídas e reconstruídas a cada instante.

A brincadeira cantada, em forma de ciranda, funcionou de forma significativa, pois era um momento em que a experiência de brincar propiciava vivenciar a relação, abrindo possibilidades de adaptações às novas situações e condições que a vida lhes trazia. Os elementos com os quais a brincadeira era proporcionada representavam símbolos da vida real, como, por exemplo, a dificuldade das crianças em lidar com dinheiro (uma das conseqüências da situação de abrigagem, pois elas não têm acesso a isso). Percebeu-se a necessidade de trabalhar esta questão, trazida por elas muitas vezes.

Por meio da história cantada trabalhou-se de maneira lúdica a forma de lidar com os afetos. Estes são percebidos como um movimento de ritornelo.

O ritornelo é este movimento de forças que ora aglutinam partículas de afetos, lugares, intensidades, tempos, um timbre de voz, um grito, um corpo, devires infância (uma cantiga de roda, uma canção de ninar), territorializando forças. Ora forças escapam do território e começam a criar uma linha de fuga (DELEUZE e GUATARRI *apud* SIQUEIRA, 2007 p. 54).

Desta forma o simbólico se faz presente como um mecanismo de construção de possibilidades de resolução dos problemas reais, que se territorializam no espaço musicoterápico, desterritorializam no campo das emoções não resolvidas e são retomados num movimento de retorno. Porém, nunca é igual. As crianças construíram no *setting* musicoterápico um espaço de pertencimento. Aos poucos as crianças foram construindo um espaço de pertencimento em um ambiente acolhedor e de confiança. A aproximação não apareceu nos primeiros encontros. E por isso foi necessário construir uma relação de confiança para que a aproximação por parte das crianças acontecesse e temas como ansiedade, movimentação corporal excessiva, sexualidade, desconfiança, higiene e dificuldade de lidar com dinheiro pudessem ter lugar.

No início do processo foi feita uma exploração sonora dos instrumentos, pois as crianças não os conheciam. Quanto às canções, na maioria das vezes eram canções da mídia, de gêneros como *Funk*, *RAP*, música pop e, algumas vezes, canções infantis. Dentre elas destaca-se o *RAP* 'Eu não pedi pra nascer' (Grupo Facção Central, 2003) que teve grande importância, pois permitia que os participantes expressassem os conflitos sociais vividos por eles. A marcação do ritmo acentuado, durante a execução do *RAP* também marcava o território existencial dessas crianças.

Minha mão pequena bate no vidro do carro
No braço se destacam as queimaduras de cigarro
A chuva forte ensopa a camisa, o short
Qualquer dia a pneumonia me faz tossir até a morte
Uma moeda, um passe me livra do inferno,
Me faz chegar em casa e não apanhar de fio de ferro
O meu playground não tem balança, escorregador
Só mãe vadia perguntando quanto você ganhou
Jogando na cara que tentou me abortar
Que tomou umas cinco injeções pra me tirar
Quando eu era nenê tento me vender uma pá de vez
Quase fui criado por um casal inglês
Olho roxo, escoriação, porra, que foi que eu fiz?
Pra em vez de tá brincando tá colecionando cicatriz
Porque não pensou antes de abrir as pernas,
Filho não nasce pra sofrer, não pede pra vir pra Terra.
O seu papel devia ser cuidar de mim, cuidar de mim, cuidar de mim
Não me espancar, torturar, machucar, me bater, eu não pedi pra nascer
Minha goma é suja, louça sem lavar,
Seringa usada, camisinha em todo lugar

Cabelo despenteado, bafo de aguardente`
É raro quando ela escova os dentes
Várias armas dos outros muquiadas no teto
Na pia mosquitos, baratas, disputam os restos
Cenário ideal pra chocar a UNICEF,
Habitat natural onde os assassinos crescem
Eu não queria Playstation, nem bicicleta
Só ouvir a palavra "filho" da boca dela
Ouvir o grito da janela "A comida tá pronta",
Não ser espancado pra ficar no farol a noite toda
Qualquer um ora pra Deus pra pedir que ele ajude
A ter dinheiro, felicidade, saúde
Eu oro pra pedir coragem e ódio em dobro
Pra amarrar minha mãe na cama, pôr querosene e meter fogo
Outro dia a infância dominou meu coração,
Gastei o dinheiro que eu ganhei com um album do Timão
Queria ser criança normal que ninguém pune,
Que pula amarelinha, joga bolinha de gude
Cansei de só olhar o parquinho ali perto,
Senti inveja dos moleque fazendo castelo
Foda-se se eu vou morrer por isso,
Obrigado meu Deus por um dia de sorriso
À noite as costas arderam no couro da cinta,
Tacou minha cabeça no chão
Batia, Batia, me fez engolir figurinha por figurinha
Espetou meu corpo inteiro com uma faca de cozinha
Olhei pro teto e vi as armas num pacote,
Subi na mesa, catei logo a Glock
Mãe, devia te matar, mas não sou igual você,
Em vez de me sujar com seu sangue eu prefiro morrer.
'Eu não pedi pra nascer', (2003)
Álbum: Direto do Campo de Extermínio.

Outro fator que foi interessante era a criatividade no momento da improvisação e o efeito que produzia nos integrantes do grupo. Ouviu-se de um dos jovens a seguinte frase: *“toquei uma música que estava dentro de mim. Coloquei pra fora e me fez bem. Agora estou me sentindo bem melhor”*.

A improvisação acontecia com instrumentos musicais ou com o corpo, realizando percussão corporal. Por meio da improvisação as crianças e jovens expressavam o que estavam sentindo, portanto, a fala não era o principal veículo de comunicação, e assim podiam expressar o que estavam sentindo.

Percebeu-se que eles construíram um sentido de lugar para os encontros de Musicoterapia, aquele era um momento em que eles territorializavam seus afetos cantando suas canções, em outros momentos, quando não conseguiam lidar eles desterritorializam, produzindo possibilidades de saídas para suas dificuldades, de maneira que outros territórios eram

encontrados. Segundo Siqueira (2007), quando a música chega, rompe com as forças que ela agencia e, nesta mistura, ela perde sua pele-sonora e cai num caos silencioso que carrega a linha de fuga. Eis, aqui a aventura da desterritorialização. Estes são movimentos que a escuta musical faz. Ora ela territorializa, ora ela escapa e inventa linhas de fuga.

Com o passar do tempo as crianças passaram a chegar no horário, o que no começo não acontecia, pois a ansiedade era tanta que eles chegavam adiantados e acabavam passando mal. Percebeu-se também, que houve maior aproximação dos colegas, pois se construiu uma relação de confiança, onde eles dividiam os instrumentos com mais facilidade o que no começo não acontecia. Outro fator que foi significativo foi a melhora das crianças e jovens no contexto escolar, que se deu durante o processo de atendimento musicoterapêutico e que parece estar relacionados à Musicoterapia, ainda que os resultados alcançados tenham sido conseguidos devido um trabalho multidisciplinar.

A partir desses processos de atendimento, pode-se compreender que a Musicoterapia é uma estratégia de saúde que constrói resultados positivos para a saúde de crianças e jovens em situação de abrigagem, por abrir possibilidades de enfrentamento das consequências do percurso social marcado por vulnerabilidades, também pelas dificuldades que a abrigagem acarreta. A partir dessa experiência, pode-se compreender como a música em Musicoterapia proporciona, em movimentos de desterritorialização e reterritorialização, a construção de subjetividades dentro de um processo de saúde. E, para além disso, como as estratégias usadas nos atendimentos (histórias cantadas, brincadeiras cantadas e canções) puderam ser o meio que permitiu essas construções, a partir de todo um tecido sócio-cultural.

O desenvolvimento social de todo e qualquer sujeito é único, porém ao fazer parte de um determinado contexto as características sociais e culturais dele fazem parte. Desta forma, perceber as inúmeras contradições no cenário político e social propicia compreender também que cada um de nós é responsável pela construção dessa realidade marcada pela má distribuição de renda. Somos atores sociais com maior ou menor poder de decisão, mas de qualquer forma somos responsáveis pelas construções sociais, dentre elas a possibilidade (e o compromisso) de perceber as crianças e jovens em situação

de abrigagem para além de suas dificuldades e marcas sociais que possam carregar. Quando se pensa na trama social como um mecanismo em rede, entende-se também que um movimento por menor que seja, causa um efeito em toda trama. Nisso estão os movimentos em direção à saúde.

7 REFERÊNCIAS

BARCELLOS, Lia Rejane Mendes. **Da Re-criação Musical à Composição: Um Caminho Para a Expressão Individual de Meninos de Rua**. In: Revista Brasileira de Musicoterapia. Ano III, n. 4 – 1998.

CONSELHO ESTADUAL DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. (CECA s/d). Secretaria de Desenvolvimento Social e Combate à Pobreza. Governo da Bahia Disponível em: http://www.ceca.ba.gov.br/eca_oquee.html. Acesso em 07 de Maio de 2009.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia**. São Paulo: Ed. 34, vol. 4, 1997.

DELL'AGLIO, DALBOSCO, HUTZ e SIMON. **Depressão e desempenho escolar em crianças e adolescentes institucionalizados**. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. [online]. 2004, vol.17, n.3, pp. 351-357. ISSN 0102-7972. doi: 10.1590/S0102-79722004000300008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S01027972200400030008&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em 01 de Maio de 2009.

FERRIANI, C. G. M.; BERTOLUCCI, P. A.; SILVA, I. A. M. Revista Brasileira de Enfermagem. **Assistência em saúde às crianças e adolescentes abrigados em Ribeirão Preto**. SP vol.61 pág. 344 nº.3 Brasília May/June 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S003471672008000300011&script=sci_arttext&tlng=e. Acesso 06 de maio de 2009.

GUAZINA, Laize. **Reflexões Sobre o Social em Musicoterapia**. *Anais do X Fórum Paranaense de Musicoterapia e I Encontro Sul-brasileiro de Musicoterapia*. Curitiba, 2008 p.6-7.

_____. **Sons, silenciamentos, poder e subjetivação no hospital: a Musicoterapia na Saúde do Trabalhador**. Dissertação de Mestrado. PPG em Psicologia Social e Institucional. UFRS, Porto Alegre, 2006.

HIKIJ, Rose Satiko Gitirana. **A Música e o Risco: Etnografia da Performance de Crianças e Jovens Participantes de um Projeto Social de Ensino Musical São Paulo**. São Paulo: Edusp, 2006.

MENDOZA, Claudia. **Evolución de la práctica clínica de la musicoterapia hacia el campo social-comunitario. La comunidade, sujeto e objeto de intervención**. In: *In: Salud, escucha y creatividad*. PELLIZZARI, P. e RODRÍGUEZ, R. (Org.). Buenos Aires: Ediciones Universidad del Salvador, 2005. p.79-86.

MOURA, Tatiana. **Rostos Invisíveis da Violência Armada: um estudo de caso sobre o Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007 p.26.

PIAZZETA, Clara Márcia. **Musicoterapia com meninos de rua: uma experiência que deu certo!** *Anais do Encontro Paranaense de Musicoterapia e II Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia*. Curitiba, 2001.

SAMPAIO, Ana Cristina Parente; SAMPAIO, Renato Tocantins. **Apontamentos em Musicoterapia**. São Paulo. Editora: Apontamentos Vol. 1 – 2005. p. 26.

SILVA, Raquel Siqueira da. **Cartografias de uma experimentação Musical: entre a musicoterapia e o grupo Mágico do Som**. Tese de Mestrado em Psicologia. Niterói/RJ: 2007.